

RELATÓRIO DE PESQUISA

KANHGÁG VĨ MRÉ ËG JYKRE PË JAGFE - NINHO DE LÍNGUA E CULTURA KAINGANG

Márcia NASCIMENTO  

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

RESUMO

Nesse artigo apresentamos o projeto *Kanhgág vĩ mré ãg jykre pë jagfe* - Ninho de língua e cultura Kaingang (cf. NASCIMENTO et al., 2017), desenvolvido na Terra Indígena Nonoai/RS. Inspirado no modelo de educação infantil do povo Māori da Nova Zelândia, conhecido como *Kohanga Reo Māori* “ninho de língua Māori”, o projeto visa a transmissão intergeracional da língua indígena através de métodos de imersão total. Apresentaremos um relato do processo de implementação do projeto e discutiremos questões fundamentais para o processo de revitalização das línguas indígenas brasileiras a partir dos modelos de revitalização que tem como foco a transmissão intergeracional.

ABSTRACT

In this article we present the project *Kanhgág vĩ mré ãg jykre pë jagfe* - Kaingang language and culture Nest (cf. NASCIMENTO et al., 2017), developed in the Nonoai Indigenous Territory / RS. Inspired by the model of early childhood education of the Māori people of New Zealand, known as *Kohanga Reo Māori* “Māori language nest”, the project aims at the intergenerational transmission of the indigenous language through methods of total immersion. We will present an account of the project's implementation process and discuss fundamental issues for the process of revitalizing Brazilian indigenous languages from the revitalization models that focus on intergenerational transmission.

PALAVRAS-CHAVE

Língua Kaingang; Revitalização; Transmissão Intergeracional; Māori; Ninho de Língua.

KEYWORDS

Kaingang Language; Revitalization; Intergenerational Transmission; Māori; Language Nest.



OPEN ACCESS

EDITORES

- Marcus Maia (UFRJ)
- Bruna Franchetto (UFRJ)

AVALIADORES

- Gean Damulakis (UFRJ)
- Luiz Amaral (UMass Amherst)

DATAS

- Recebido: 07/06/2020
- Aceito: 19/10/2020
- Publicado: 28/12/2020

COMO CITAR

NASCIMENTO, Márcia (2020). Kanhgág Vĩ Mré Ëg Jykre Pë Jagfe - Ninho de língua e cultura kaingang. *Cadernos de Linguística*, v. 1, n. 3, p. 01-17.

LÍNGUAS AMEAÇADAS DE DESAPARECIMENTO E O MOVIMENTO DE REVITALIZAÇÃO

Nas últimas décadas o risco de desaparecimento de línguas minoritárias ao redor do mundo ganha grande visibilidade nos meios acadêmicos e entre as comunidades que falam essas línguas (cf. HINTON; HALE, 2001). Nesse contexto, em 2008 realiza-se o primeiro curso de especialização em *Revitalización Lingüística y Cultural* da América Latina e Caribe para capacitar estudantes/pesquisadores e lideranças indígenas provenientes de diversos países. Esse curso pioneiro foi realizado pela Universidad Mayor de San Marcos, em Lima no Peru, apoiado pelo Fondo Indígena e participação de instituições Universitárias desses países, como a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)¹ e Universidade Federal de Roraima (UFRR) no Brasil. A partir desse movimento internacional vem acontecendo, no Brasil e países vizinhos, diversos eventos acadêmicos para discutir o tema e compartilhar as diferentes iniciativas que têm sido levado a cabo, através de projetos acadêmicos e projetos locais das próprias comunidades de diferentes povos indígenas. Nesse sentido, no ano de 2019, ano reconhecido pela Unesco como ano internacional das línguas indígenas, a Associação Brasileira de Linguística acolhe o tema Revitalização de Línguas através do Seminário Internacional Língua Viva Língua. Uma importante e necessária conquista para o Brasil e as línguas indígenas.

Conforme recentes estudos, as previsões da Unesco sobre o risco de desaparecimento de mais de 90 por cento das cerca de 7 mil línguas faladas hoje no mundo até a virada do século, têm mobilizado e gerado importantes iniciativas de revitalização nas diferentes áreas que correspondem aos indicadores de vitalidade dessas línguas. No Brasil temos algumas iniciativas, como por exemplo, documentação, produção de materiais pedagógicos nas línguas, apoio a transmissão intergeracional, entre outros (cf. FRANCHETTO; MAIA, 2017).

Os fatores de avaliação da vitalidade da língua, partem do princípio de que as línguas que encontram-se em situação de ameaça de desaparecimento, são consequências de impactos comparados com terremotos em que a magnitude do impacto é medido na escala Richter (cf. FISHMAN, 1991). O nível 8 é o pior impacto, indica a dizimação da língua e nos escombros haveria pouca língua em uso. Diagnosticar o nível em que a língua se encontra é importante para orientar o tipo de intervenção a ser tomado, ou seja, o tipo de projeto de revitalização a ser levado a cabo.

Nesse sentido, podemos dizer que grande parte, ou mesmo a maioria das iniciativas que vêm sendo realizadas no Brasil focam em fatores considerados “secundários” de

¹ A autora do presente artigo foi uma das participantes dessa especialização pela UFRJ como bolsista do Fondo Indígena.

revitalização, ou seja, conforme a escala de vitalidade, o número absoluto de falantes e a transmissão intergeracional da língua são fatores primordiais a serem considerados, e não há registro de algum projeto com foco nesses dois fatores. A transmissão intergeracional impacta diretamente na formação de falantes dessas línguas, que contribui de forma efetiva para o aumento do número de falantes, como é o caso dos métodos de imersão total conhecidos como ninho de língua entre o povo Māori na Nova Zelândia e depois por vários povos indígenas do México. Na Nova Zelândia, por exemplo, no decorrer de duas ou três décadas, o programa de Ninho de língua reverteu a situação de risco de desaparecimento da língua Māori aumentando o número de falantes para 26%, sendo que no ano de 1979, quando começaram os primeiros Ninhos, o número de falantes de Māori estava estimado em 8%. O movimento de ninho de língua surge entre os Māori num momento em que sua língua estava num estado crítico sob real risco de desaparecimento, com necessidade de mudanças radicais em prol da sobrevivência da língua. Dessa forma, todos os territórios e espaços Māori passaram a ser espaços exclusivos da língua Māori. Sobretudo nos Kohanga Reo e Kura kaupapa, escolas de educação infantil e fundamental, não se fala em bilinguismo, e sim em educação Māori, em ensino da língua Māori.

Diferentemente do Brasil, onde temos iniciativas incipientes e isoladas, o programa de revitalização Māori vem sendo desenvolvido articulando diferentes fatores e etapas, considerando a escala de vitalidade, a escala de transmissão intergeracional (cf. FISHMAN, 1991). No Brasil as escolas indígenas ganharam, com a constituição de 1988, o papel fundamental de garantir a manutenção dos saberes, línguas e culturas dos povos indígenas, visto que, historicamente, a trajetória da educação escolar indígena e, especificamente, o ensino de línguas, pautou-se basicamente em um único objetivo. De forma bem resumida, podemos dizer que a introdução da escola entre os povos indígenas teve desde o início o único objetivo de pactuar com a política de assimilação forçada da diversidade linguística e cultural dos povos indígenas que habitavam o Brasil na época da conquista. Essa política sistemática de apagamento das línguas e culturas no Brasil tem sido um grande fator de impacto desse “terremoto”, hoje silencioso, que assolou os povos indígenas. Podemos imaginar a realidade dos povos indígenas hoje como se nunca tivéssemos conseguido sair dos escombros, como se estivéssemos sobrevivendo abandonados à própria sorte. É assim que o governo brasileiro tem tratado os povos indígenas, com absoluto descaso não apenas em relação às línguas e culturas, mas também à própria sobrevivência física enquanto povos. Um povo que luta dia após dia pela sua sobrevivência física, pela garantia de seus territórios tradicionais, sem uma política pública de subsistência mínima para suas comunidades não consegue vislumbrar um futuro de línguas fortalecidas e revitalizadas.

Algumas décadas após a constituição de 1988, em que se reconhecem os povos indígenas e o direito a seus territórios tradicionais, suas línguas e culturas, bem como uma educação escolar diferenciada, própria de cada povo, muitas mudanças importantes neste

percurso são nítidas em muitos aspectos. Vários cursos de formação de professores indígenas em nível de magistério e nível superior foram levados a cabo. No Rio Grande do Sul, no ano de 2003, as escolas indígenas Kaingang aprovaram oficialmente um Projeto Político Pedagógico específico e isso viabilizou importantes iniciativas de “indianização” da escola Kaingang, como as iniciativas de revitalização que impactaram na mudança de atitude do próprio povo com relação a sua língua, o estreitamento de relações entre as diferentes gerações, o empoderamento de jovens pesquisadores indígenas, impactos positivos de pesquisas colaborativas entre pesquisadores e comunidades, entre outros.

No entanto, o contexto sociolinguístico no qual estão inseridas as línguas indígenas no Brasil, caracterizado como bilinguismo/multilinguismo assimétrico, por si só constitui-se como fator letal para as línguas minoritárias (cf. RASO et al., 2011). Conforme observado no modelo Māori de revitalização e também já apontado por especialistas, há, de fato, a urgente necessidade de rediscutir o modelo de educação bilíngue no contexto da educação escolar indígena, que tem se mostrado ineficaz para a revitalização das línguas indígenas (cf. D'ANGELIS, 2012). O processo de desaparecimento das línguas continua de forma acelerada. Necessitamos de iniciativas urgentes que possam frear esse processo.

1. O PROJETO KANHGÁG VĨ MRÉ ĚG JYKRE PĚ JAGFE – NINHO DE LÍNGUA E CULTURA KAINGANG

O projeto *Kanhgág vĩ mré ěg jykre pĚ jagfe* - Ninho de língua e cultura Kaingang (cf. NASCIMENTO et al., 2017), desenvolvido na Terra Indígena Nonoai/RS, nasce em 2016 com a criação efetiva em 2018 do primeiro ninho de língua e cultura Kaingang como projeto piloto de transmissão intergeracional de língua no Brasil, inspirado nos *Kohanga Reo* ninhos de língua Māori - Nova Zelândia. Através de um estudo piloto de levantamento sociolinguístico realizado em 2010 (cf. NASCIMENTO, 2017) em Nonoai, foram, preliminarmente, identificadas iniciativas consideradas *grassroots* de transmissão intergeracional da língua Kaingang, que já vinham acontecendo há algumas décadas por iniciativa das próprias famílias, a saber, famílias Kaingang cujos cônjuges já não eram falantes de Kaingang incentivavam seus filhos a conviverem mais diretamente com os avós falantes nativos de Kaingang, para adquirirem a língua novamente. Dessa forma, a transmissão intergeracional quebrada na geração de seus pais, era recuperada através dos seus filhos. Identificar iniciativas *grassroots* como essas é de fundamental importância para o movimento de revitalização da língua, pois a decisão de manter a língua viva é, sobretudo, uma decisão do próprio povo, de cada família, de cada comunidade. Cabe aos consultores apoiadores, buscar e proporcionar metodologias adequadas a fim de potencializar e ampliar essas iniciativas e seus impactos.

A implementação do projeto *Kanhgág ṽ mré ěg jykre p̃e jagfe* corresponde à segunda etapa de discussão sobre métodos de revitalização linguística, discussão empreendida no âmbito do projeto de pós-doutorado como bolsista CNPq de 2017 a 2019, no sentido de fazer um breve panorama do movimento de revitalização no Brasil, em quais campos e métodos que as iniciativas se constituem. Após a etapa de intensos estudos sobre os ninhos de língua Māori, avaliando pontos semelhantes em comparação com aspectos culturais e da educação tradicional Kaingang, passamos a desenvolver um esboço do currículo do *Kanhgág ṽ mré ěg jykre p̃e jagfe* elencando princípios da educação tradicional Kaingang. Ao longo de sua implementação o projeto foi ganhando variação no próprio nome. Internamente na comunidade as pessoas passaram a chamar de *Ěg ṽ jagfe* “Ninho da nossa língua” e por razões de praticidade o projeto passou a se chamar apenas de *Kanhgág ṽ jagfe* “Ninho de língua Kaingang” e esse nome passa, então, a ser usado neste texto.

Podemos dizer que a implementação desse projeto teve, basicamente, três momentos importantes. No primeiro, realizamos o movimento de engajamento da comunidade para a criação efetiva do *Kanhgág ṽ jagfe*, desde o espaço físico, criação do grupo de crianças, grupo de guias/anciãs e apoiadores. O segundo momento se deu com a realização das vivências no *Kanhgág ṽ jagfe* e, concomitante a isso, o terceiro momento foi o processo de elaboração do currículo. Entende-se por vivência todo o tempo em que as crianças estão presentes no âmbito do *Kanhgág ṽ jagfe*, que compreende não apenas o espaço físico, mas também o âmbito cultural cosmológico.

Junto ao processo de elaboração do currículo, iniciamos outra fase do projeto, que constitui no desenvolvimento de métodos de testagem e avaliação (*assessment*), na aquisição de Kaingang como segunda língua pelas crianças que frequentam o *Kanhgág ṽ jagfe*, já que em casa as crianças têm como primeira língua a língua portuguesa. De modo geral, o currículo esta pautado em princípios e valores que, tradicionalmente, são fundamentais para o povo Kaingang, como por exemplo, as relações de parentesco conforme as metades clânicas *Kamẽ* e *Kanhru*, que são entendidas como metades complementares em que a união preferencial entre duas pessoas Kaingang deve se dar entre metades opostas. Nessas relações, as crianças ganham vários pais e várias mães, pois todos os irmãos do pai serão seus pais, bem como todas as irmãs da mãe serão suas mães. Esse contexto não corresponde somente às formas de tratamento entre pais e filhos em que todos os tios paternos e tias maternas são chamados de pai e mãe, respectivamente, mas também toda a responsabilidade/contribuição na educação da criança, de forma que não há crianças desamparadas nas comunidades Kaingang, pois para todas as crianças sempre haverá algum pai e alguma mãe para cuidar, se não por laços biológicos, certamente por laços clânicos.

Esses princípios e valores devem permear todas as vivências no âmbito do *Kanhgág ṽ jagfe*, principalmente no que se refere à transmissão da língua Kaingang para as crianças,

pois a responsabilidade passa a ser de toda a família ampliada, bem como de toda a comunidade, principalmente aqueles que possuem as mesmas metades clônicas da criança. Além dos princípios e valores tradicionais, o desenvolvimento do currículo também está pautado em bases teóricas e metodológicas sobre ensino e aquisição de línguas, focando especialmente nos modelos de Revitalização Linguística que trabalham diretamente com a transmissão intergeracional da língua, que é considerado fator chave para a manutenção e fortalecimento linguístico. Dessa forma, os métodos que predominam nas vivências no âmbito do *Kanhgág ṽ jagfe* são os de imersão total dentro de uma abordagem comunicativa (cf. RICHARDS; RODGERS, 2001), uma vez que o objetivo é a formação de novos falantes plenos da língua Kaingang.

Ao longo do processo de elaboração do currículo, percebemos que a pesquisa bibliográfica e, sobretudo, a pesquisa de campo, tornam-se fundamentais para a vida do projeto, para as vivências no *Kanhgág ṽ jagfe*, visto que muitos aspectos culturais importantes estiveram adormecidos por gerações sem que ninguém trouxesse para as práticas do cotidiano Kaingang. Entender essas questões para poder reconectar as gerações atuais às gerações dos anciãos tem sido de fundamental necessidade. Vivenciar essas práticas culturais que recentemente voltam para a vida das pessoas de forma tímida e discreta, como por exemplo o ritual de nomeação das crianças que já não receberam o nome Kaingang no nascimento, tem sido extremamente relevante. São eventos que vêm sendo vivenciados e documentados pela equipe local que coordena o projeto. Vivenciamos esses eventos, primeiro como indígenas que compõem a comunidade onde acontece o *Kanhgág ṽ jagfe*, e, ao mesmo tempo, documentamos como pesquisadores que pensam e implementam o projeto. Dessa forma, o projeto já constitui um arquivo audiovisual próprio de mais de 10 horas coletados desde o início da implementação do projeto, além de dados já existentes em diversas publicações sobre o povo Kaingang e sua cultura. Mais uma vez, a busca de parceiros que trabalham nas diferentes áreas se torna necessário, pois no caso da documentação sentimos a necessidade de um repositório adequado para armazenar nossos arquivos.

A partir do trabalho de campo, como uma etapa importante do projeto, foi elaborado um guia com subsídios para construção do currículo do ninho de língua Kaingang, baseado em pesquisas que trabalham aspectos linguísticos e culturais que sejam pilares para esse modelo de educação. Como foi possível observar no *modus operandi* dos ninhos de língua Māori, os princípios básicos que fundamentam o currículo dos *Kohanga reo* Māori são aspectos como empoderamento da criança, desenvolvimento holístico, família e comunidade e as relações de parentesco. Inter-relacionados a esses princípios trabalham-se conceitos de bem-estar, pertencimento, contribuição, comunicação e exploração. O que se pode constatar a partir do estudo sobre o sistema educacional Māori é que desde os *Kohanga Reo* ninhos de língua até o ensino superior, o conhecimento, a cultura, a espiritualidade e a

filosofia Māori são fundamentos pilares para a construção do saber, como mostra o *The whāriki*, trançado que interconectam os princípios e fios condutores da Educação Māori.

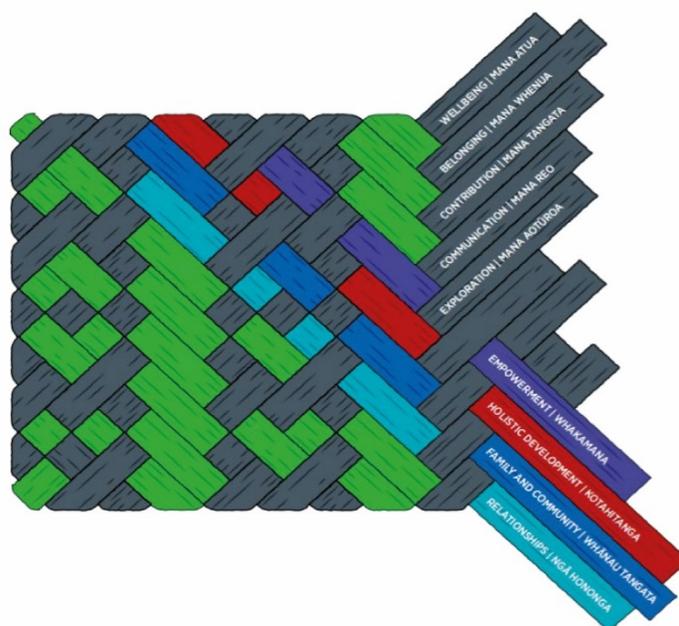


Figura 1. *The whāriki* - Trançado que interconectam os princípios e fios condutores da Educação Māori (*The whāriki*, 2017).

Ao longo do processo de criação do *Kanhgág v̄ jagfe* percebemos que o currículo se constitui de um processo contínuo de aperfeiçoamento, principalmente nessa etapa inicial do projeto. Questões importantes relacionadas ao dia-a-dia das vivências, como por exemplo, o aproveitamento do tempo no processo de aprendizagem na primeira infância, começam a ser discutidas em pareceria com pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento como linguística, educação e antropologia.

Uma das questões que temos trabalhado ao longo da implementação do projeto é como desconstruir no âmbito do *Kanhgág v̄ jagfe* a ideia, o conceito de educação infantil que já existe na comunidade, pelo fato de já haver em muitas comunidades o sistema de educação infantil nos moldes convencionais da sociedade não indígena, que carrega todo um conceito e um modo de se relacionar com o tempo na visão ocidental, que tem como primeira relação, a produtividade. Entre os Kaingang a discussão de uma educação infantil que leve em conta os princípios da educação Kaingang ainda é muito incipiente, vigorando assim os moldes da educação convencional não indígena, o que dificulta a inserção de novos conceitos de educação para os familiares que estão acostumados com outras práticas, inclusive professores não indígenas ensinando português para crianças indígenas em creches e pré-escolas.

Segundo Carvalho (2015, p. 01), “nas escolas, geralmente, o tempo é entendido pelos professores como algo a ser gasto, investido e controlado”. Mudar esse entendimento no

âmbito da própria educação infantil brasileira como um novo contexto educativo é de fundamental importância para que o sistema de educação infantil realmente atenda os anseios atuais da sociedade, que é uma formação integral e não somente a da produtividade. De acordo com Carvalho, é preciso levar em conta o entendimento de Tempo das próprias crianças e o que se traduz como aproveitamento dessa “vivência temporal”. Conforme esse autor, as crianças percebem como aproveitamento as atividades que são prazerosas e que trazem algum sentido de acordo com o nível de compreensão de cada uma delas, de cada faixa etária e que desperta o seu envolvimento intenso. A gama de atividades sequenciadas proposta pelos professores no dia-a-dia, com tempo cronometrado para a realização das mesmas, não produz efeitos positivos na aprendizagem das crianças.

Conforme esse estudo, o uso do tempo na educação infantil, a percepção do tempo pelas crianças parece trazer algo muito similar à percepção de Tempo pelos Kaingang. De acordo com as reflexões do antropólogo Rodrigo Venzon (em conversa informal em 2019), tradicionalmente, os Kaingang avaliam/medem o aproveitamento da criança no processo de aprendizagem partindo de uma avaliação qualitativa e não quantitativa. Mesmo que essa aprendizagem fosse contabilizada talvez a escala fosse de zero a alguma coisa. Qualquer avanço nesse processo é visto como um importante crescimento no desenvolvimento da criança, levando em consideração, não a habilidade por si própria, mas o interesse e o prazer da criança em adquirir essa habilidade. Na concepção Kaingang a criança tem o seu tempo próprio de aprender conforme suas necessidades e interesses e de forma participativa nas atividades dos adultos no cotidiano. O convite dos adultos tem sempre um objetivo de estímulo e nunca de exigência ou obrigatoriedade. O lúdico/brincadeiras também aparecem como fator essencial no processo de aprendizagem. Questões como essas começam a ser discutidas no âmbito do processo de construção do currículo do *Kanhgág v̄ jagfe*.

Para a etapa de implementação do *Kanhgág v̄ jagfe* e elaboração do currículo o trabalho voltou-se mais para a revisão bibliográfica sobre metodologias de imersão linguística e etnografia da infância indígena no Brasil (cf. Aracy Lopes da Silva) e a pesquisa de campo. Com o trabalho de pesquisa e documentação buscou-se identificar e entender a pedagogia, as concepções de ensino e aprendizagem, bem como as práticas culturais Kaingang relacionadas aos cuidados da criança desde a concepção até a adolescência.

O trabalho de campo envolveu diferentes atividades, a saber, cursos e oficinas com professores, reuniões, palestras e rodas de conversas em escolas e universidades, bem como conversas com anciãos e lideranças da comunidade sobre o contexto atual em que vivem as comunidades em relação a mudanças no modo de vida e o esquecimento de aspectos culturais e linguísticos considerados fundamentais para o povo. A participação em rituais de nomeação e purificação *vãnhkagta nej* (banhos para ter bons sonhos, afastar doenças e fortalecer o espírito das crianças) também foi uma das atividades especialmente

enriquecedoras para a equipe. O levantamento do número de crianças não falantes da língua e do número de família monolíngues em português na comunidade da aldeia Bananeiras, foram bem importantes para pensar a implementação do projeto.

Uma das atividades também envolveu a escolha do local do *Kanhgág ṽ jagfe*, uma vez que a Terra Indígena Nonocai é composta por três aldeias principais, Bananeiras, Pinhalzinho e Sede. As três comunidades participaram de todo o processo de discussão do *Kanhgág ṽ jagfe* e se mostraram interessadas no projeto. Porém, optamos por implementar o primeiro ninho de língua na Aldeia Bananeiras, por questões práticas, ou seja, questões que acreditamos facilitar a andamento do projeto. Nesta comunidade observamos que havia um grupo de pais e anciãos bastante interessados e ansiosos pelo início do projeto. Este grupo compunha basicamente um núcleo familiar amplo em que os pais e avós se dispuseram a colaborar de forma completamente voluntária, já que naquele momento não havia recursos financeiros à disposição do projeto. Outro fator importante foi o espaço cedido pela cooperativa indígena (COPINAI) para o funcionamento do projeto, além do custeio de despesas mensais como luz, internet, material de limpeza e alimentação. Além do apoio da cooperativa indígena, o projeto recebeu ajuda financeira na Embaixada da Nova Zelândia para fazer a reforma e a construção do espaço do ninho.

A proximidade do local para equipe de coordenação do projeto também foi um fator importante, pois, assim, não necessitaríamos de recursos para o deslocamento. O engajamento comunitário local é fundamental para a sobrevivência das iniciativas de revitalização e a escolha dessa comunidade para a implementação desse primeiro ninho se deu por conta disso.

Uma vez que o local havia sido definido, foi realizada uma oficina sobre ninho de língua com as famílias participantes, apoiadores, lideranças e guias do *Kanhgág ṽ jagfe*. Nessa oficina, trabalhamos todos os conceitos envolvidos na constituição do ninho a partir do texto de Lois M. Meyer & Fernando Soberanes Bojórquez (2009) *El nido de lengua - orientación para sus guías*. Foram discutidas questões fundamentais para o funcionamento do *Kanhgág ṽ jagfe*, e a partir da oficina elaboramos um guia prático do que constitui um ninho de língua, como se pode observar a seguir.

1.1. O QUE É UM NINHO DE LÍNGUA?

É um esforço comunitário/coletivo para recuperar a língua e a cultura originária em comunidades onde ambas já estão em processo de perda. Uma evidência de perda linguística e cultural consiste em que os pais de família nesta comunidade já não usam a língua originária com suas crianças e nem as ensinam e as crianças já não falam. O ninho de língua é uma estratégia de recuperação linguística e, portanto, de resistência cultural. Um Ninho de Língua pode incluir de 5 a 30 crianças, sendo mais comum um número de 10 a 20. De

preferência cada guia atende de 3 a 5 crianças por sessão. Participam do ninho de língua, preferencialmente, crianças que não falam a língua originária, membros de famílias que já não falam a língua. Em número menor podem participar crianças que já falam a língua, no entanto, com a função de pequenos guias, ou guias auxiliares.

1.2. IDADE DAS CRIANÇAS

Podem participar do Ninho desde recém-nascidos até 6 anos de idade. É importante incorporar as crianças ao Ninho antes que elas comecem a falar. É fundamental oficializar o Ninho de língua com documentos (atas) registrando a concordância e apoio dos membros da comunidade ao projeto. Buscar formas e estratégias de ampliar o uso da língua originária para todos os espaços públicos e coletivos possíveis também é muito importante.

1.3. O QUE O LUGAR/ALDEIA/COMUNIDADE DEVE OFERECER?

Como observado entre os Māori, todo o espaço da Terra Indígena deve constituir-se em referências mentais da língua Kaingang, ou seja, todo o território da comunidade deve ser espaço da língua Kaingang. Os familiares mais próximos das crianças têm papel fundamental no êxito do projeto de revitalização da língua e da cultura. Na comunidade o uso da língua em todas as atividades cotidianas das famílias reforça o trabalho de ensino do ninho. Portanto, todo lugar é uma extensão do Ninho de língua. Paciência e ternura são fundamentais para implementar a paisagem/mudança linguística na comunidade. Os pais ou familiares que falam a língua devem ser, também, os guias linguísticos para a criança no seu cotidiano. Para os pais que não falam a língua é importante organizar-se em grupos de apoio para aprender a língua, pois só assim poderão acompanhar e apoiar em casa a aprendizagem de seus filhos no Ninho.

- Quem na comunidade e em minha família fala a língua indígena? Como explicar a importância de falar com as crianças?
- Em que espaços públicos e comunitários se usa a língua? Como abrir novos espaços de uso da língua na comunidade?
- Como criar novas práticas de uso da língua indígena entre familiares dentro e fora do lugar?

São questões importantes para fortalecer as bases do Ninho, as quais devem ser trabalhadas no processo de construção do *Kanhgág ṽ jagfe*.

1.4. COMO AMBIENTAR O NINHO?

O ninho de língua é um ambiente/espço quase familiar onde as crianças e seus guias atuam como se estivessem em casa. É imprescindível criar um entorno não escolar, um ambiente familiar aconchegante e agradável. Móveis e utensílios devem ser familiares às crianças, os que existem na comunidade, naturais. Similar ao ambiente de casa, o ninho deve ter diferentes espaços de trabalhos e atividades culturais. Espaços abertos são importantes para ensinar sobre a terra, o meio ambiente.

1.5. CALENDÁRIO E HORÁRIO DO NINHO

Os ninhos de língua na Nova Zelândia atendem as crianças das 9 horas da manhã às 3 horas da tarde. Para a primeira fase de construção do *Kanhgág v̄ jagfe*, optou-se em realizar as vivências/aulas uma vez por semana, todas as quintas-feiras, das 13:30 horas às 17 horas, iniciando as vivências experimentais ainda no mês de dezembro de 2018. Conforme o engajamento da comunidade e a adesão de mais guias voluntários, será possível aumentar os dias de vivência no *Kanhgág v̄ jagfe*.

1.6. OS GUIAS

A maioria dos guias, nos ninhos de língua, não são professores, e sim membros da comunidade que falam a língua originária. Geralmente são anciãos e avós das crianças, assim como os próprios pais e jovens comprometidos com a comunidade. Os guias oferecem seu trabalho como ajuda voluntária. No *Kanhgág v̄ jagfe* a maioria são mulheres, avós das crianças.

1.7. QUAL LÍNGUA DEVEMOS USAR NO AMBIENTE DO NINHO?

O Ninho de língua é um programa de imersão total na língua originária. Isso quer dizer que no ninho se usa exclusivamente a língua indígena/Kaingang. A língua portuguesa não pode ter nenhuma presença dentro do ninho. Não só os guias, mas todos que participam devem manter a regra e a disciplina de falar só a língua indígena dentro do espaço do ninho. Se houver palavras escritas, estas também devem estar na língua indígena. Quando houver situações em que alguém não consiga entender o que se diz na língua Kaingang, os guias devem usar estratégias especiais (estratégias linguísticas) para ajudar a compreensão, mas sem traduzir ou explicar na língua portuguesa de acordo com a metodologia adequada. A paisagem linguística no ambiente do ninho deve privilegiar a língua alvo, a língua indígena.

1.8. TIPOS DE ATIVIDADES QUE MELHOR ATENDEM OS PROPÓSITOS DO NINHO

O ninho de língua não é uma escola, nem queremos que o espaço do ninho pareça uma sala de aula. Não pretendemos, tampouco, submeter o ninho aos conteúdos acadêmicos ou atividades escolares da pré-escola ou educação infantil. Ao invés de criar um ambiente formal e escolarizado de aprendizagem cerebral, buscamos atividades em que os guias possam conviver com as crianças, e assim compartilhar com eles a língua, as práticas e valores culturais no convívio afetivo. As atividades do ninho são as atividades ordinárias da comunidade, são as atividades que as crianças observam todos os dias e das quais participam. Também damos prioridade às atividades culturais que estão se perdendo, como os cantos, ritos, festas e formas tradicionais de mostrar respeito.

1.9. METODOLOGIA DO NINHO DE LÍNGUA

Os guias se encarregam de preparar e participar do ninho, motivando, orientando e guiando a participação das crianças nas atividades. Parte das atividades são dirigidas pelos guias, buscando a interação com as crianças e entre elas mesmas na língua Kaingang. As crianças também têm atividades livres com a supervisão dos adultos, em que brincam ou vindo os adultos conversarem em Kaingang.

1.10. ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICAS CONSIDERADAS RECOMENDÁVEIS

Durante todo o tempo em que acontecem as vivências deve-se usar a língua originária em todos os momentos sem traduzir para o português. É importante tentar construir o entendimento linguístico das crianças por meio do uso de gestos, palavras e frases repetitivas, “banhando na língua originária” as atividades concretas. Nomear sempre, repetidas vezes os objetos que as crianças estão manuseando, sempre de forma natural e conversacional. Convidar e motivar as crianças, sem pressionar, para que repitam ou digam as palavras e frases na língua originária que escutam dos guias. Participar de atividades que eles gostam, sempre banhados na língua originária, é a melhor maneira de motivá-las a falar a língua. Focar nas habilidades orais e receptivas da língua originária, ao invés da leitura e escrita. Uma nova língua se aprende ao escutar e usar em diversos e repetidos contextos. Conversar de forma natural em grupinhos de 3 a 5 crianças sobre suas atividades. Fazer perguntas, mas estar pronto para responder também, uma vez que as crianças podem não entender bem ou não estão dispostas a tentar. Sempre ter em mente que está ensinando a língua a principiantes. Ao invés de focar nos erros linguísticos das crianças, comemorar seus esforços para tentar falar sua língua originária.

Essas são as orientações básicas para iniciar um projeto de ninho de língua. Cada item deve ser levado em conta na construção cotidiana das vivências junto com a crianças. A

disciplina das guias em manter essas orientações é de fundamental importância para que as crianças adquiram de fato a língua indígena.

A implementação do *Kanhgág vī jagfe* traz como uma das etapas fundamentais o trabalho de engajamento da comunidade. Conscientização, militância, despertar o afeto das famílias, da comunidade para com a língua e a cultura através de reuniões, oficinas, rodas de conversas, visitas às famílias, tem sido um processo contínuo fundamental. A persistência deve ser uma característica inerente ao processo de construção do ninho para atrair colaboradores e apoiadores. O apoio das lideranças tem sido muito importante ao longo de todo o processo. A participação dos anciãos no projeto tem sido um estímulo decisivo para as famílias que não tinham mais interesse pela língua e pela cultura, consequência da mudança do habitat das comunidades, relacionado a práticas culturais esquecidas devido a diversos fatores. Conquistar voluntários e trabalhar a própria ideia da seriedade do trabalho voluntário tem sido um desafio para o projeto.

Para vingar uma iniciativa do tipo ninho de língua é preciso despertar a paixão nas pessoas, pela sua língua, cultura e história. É preciso acreditar que sempre haverá um grupo de pessoas que serão os guardiões da língua. Encontrar essas pessoas ou despertar o sentimento de guardião é uma etapa fundamental no desenvolvimento de uma iniciativa de revitalização de línguas. Como afirma um dos professores Māori pioneiro do movimento *Kohanga Reo*, Toni Waho, em entrevista à equipe brasileira sobre os desafios a serem enfrentados pelos *Kohanga Reo* ninho de língua

Marcus Maia: Quais são os desafios que você vê que ainda precisam ser enfrentados?

Toni Waho: Bem...hum... Você sabe o que a palavra *zealot* significa? Alguém extremamente apaixonado a ponto de loucura... (risos). Nós não temos o suficiente deles agora! Eu tenho 56 anos agora, eu tenho feito isso ao longo de trinta anos e eu sinto... é isso aí... Nós tentamos transmitir isso, mas... Eu simplesmente não consigo ver essa loucura mais. O *zealot*, a paixão lunática. Você vê, o que as pessoas têm feito... Não só com o Māori. Tem o cara Gaulês que entrou em greve de fome. Ben Yehuda, o linguista que reconstruiu o Hebraico Moderno. O Hebraico foi retirado do Torah e tomado para ser a língua franca em Israel. É a língua nacional. Você sabe, aquele alto nível de compromisso e paixão.

Marcus Maia: Você não vê mais isso aqui?

Toni Waho: Não, não vejo. Mas eu ainda me sinto confiante de que sempre haverá um grupo que serão os guardiões da língua.

O mundo Māori tende a acreditar que está tudo bem, por causa de todos esses programas, o *Kohanga Reo*, o *Kura Kaupapa*, o programa de formação de professores. E também por causa da rádio Māori e dos canais de televisão na língua. Tudo bem, mas se olharmos para trás, o GIDS, em termos dessa escala, nós não estamos ainda no nível 6, em que a língua está bem viva na comunidade. Nós fomos ao 4 por causa da escola. Depois fomos a 4-5 com a alfabetização e até a 2 com a televisão e o sistema de rádio, de acordo com a escala GIDS. Para chegar no nível 1, mesmo se tivéssemos pressionado como o inferno, para levar a língua até o parlamento, não conseguiríamos completamente. Assim, hoje, no nível da administração pública, você ainda não pode ter sua vida administrada na língua Māori, de qualquer forma. Eu não posso tirar minha carteira de motorista em Māori, eu não posso registrar o nascimento do meu filho em Māori, eu não posso funcionar na administração pública em Māori. Agora, se você comparar com o caso Basco, eles também investiram na transmissão intergeracional, mas, ao mesmo tempo eles realizaram outras ações. Pegue a comunidade basca de Mondragón, no País Basco. Eles foram de 39 a 52 por cento de falantes e a língua está na administração pública. Há ainda aquele elemento de loucura lá! Aquela paixão, aquela loucura pela língua! Isso é o que realmente se precisa fazer, Márcia, também para a revitalização Kaingang! Ou, então, não acontece.

Márcia Nascimento: Mas a tua geração teve isso, certo?

Toni Waho: Ah, sim! Nós protestamos, marchamos, lutamos, fomos agressivos! Nós fomos radicais, mas não violentos, geralmente. Bem, algumas vezes, pode ter havido elemento de violência, mas a maioria das vezes a polícia é que foi violenta contra nós.

Chang Whan: Mas, Toni, muito se tem alcançado, há uma nova disposição mental, é o que eu sinto ...

Toni Waho: Bem, isso é verdade. Algumas estatísticas mostram que temos chegado de 8% de falantes em 1979 para 26% de falantes realmente fluentes, agora. Estou falando de verdadeiros falantes fluentes, há outras estatísticas, entretanto. Mas parece que estamos caindo novamente para 21% agora. Estou falando de adultos, os números não incluem crianças. Elas ainda não estão sendo bem contadas nas estatísticas nacionais. (MAIA et al., 2018)

Mais do que despertar afeto pela língua e cultura, o movimento de revitalização traz consigo uma noção do que significa perder uma língua. No caso de movimentos de revitalização como os ninhos de língua que possibilitam a aquisição da língua a crianças que nascem em famílias em que os pais já não falam a língua do seu povo, significa dar acesso a toda essa gama de conhecimento que envolve a aquisição da língua. Significa a possibilidade de vislumbrar um mundo novo ao adquirir uma nova língua, sobretudo quando se trata da língua do seu povo.

A cultura está na língua e é expressada pela língua. Quando você perde uma língua, você está perdendo o sentido profundo de todas as coisas que são essencialmente o modo de vida, o modo de pensar, o modo de avaliar e a realidade humana sobre a qual você está falando. (cf. FISHMAN, 1994). Desse modo, reparar a transmissão intergeracional da língua, transmitir a língua para as crianças significa permitir que elas tenham acesso a tudo novamente.

O Seminário Internacional Viva Língua Viva nos trouxe uma experiência de reflexão e emoção profunda sobre a realidade dos povos que já não falam mais a língua do seu povo. A maioria dos movimentos de revitalização, das iniciativas empreendidas nessas comunidades são formadas por jovens indígenas com uma motivação gigante e absurda. Absurda porque nasce de onde, aparentemente, já não existe nada. Línguas que já foram dadas como extintas há muitas gerações. Para além da pergunta “O que você perde quando você perde sua língua?”, essas iniciativas trouxeram respostas para perguntas como “O que fica quando um povo perde sua língua?”. Essa gente renasce com um afeto profundo e com uma força gigante capaz de juntar os resquícios nos escombros e reinventar sua língua! Talvez a Unesco deva encontrar outra classificação para as línguas denominadas “línguas extintas”. Talvez “línguas retomadas”, como sugerido pelos indígenas Pataxó. Para um povo indígena há muita vida ainda numa língua dada como extinta.

Atualmente os Kaingang têm procurado cada vez mais saber de aspectos culturais antes adormecidos na memória, como a própria medicina tradicional e também questões relacionadas às metades clânicas, que consiste no sistema de parentesco e nomeação das crianças com os nomes tradicionais. Como aspecto fundamental da organização social, os Kaingang se organizam em duas principais metades que se subdividem entre si: *Kamẽ* (subdivisão *vãjénky*) e *Kanhru* (subdivisão *votor*). Cada metade clânica segue padrões específicos estabelecidos de acordo com determinados aspectos culturais, a saber, os cuidados que a mulher grávida deve receber durante o período de gestação, os *vãkre*, como por exemplo cuidados para um parto normal tranquilo, remédios que diminuem as

complicações do parto, desenvolvimento saudável do bebê; cuidados pós-parto, tanto para a mulher quanto para a criança, os remédios e procedimentos indicados; ritual para enterrear o umbigo da criança e os significados desse ritual para a vida, suas relações com a terra e o território; sistema de nomeação da criança. Quem nomeia? Quais são os nomes disponíveis nos acervos de nomes de cada metade clânica? Os nomes “modernos” como funcionam? Nomes de árvores, animais e entes da natureza; *vãkre* para crianças, alimentação (exemplos: consumo de alimentos nobres - carnes, frutas), remédio para lavar meninos e meninas; *gĩr japrãr* (chamar o espírito da criança), cantos denominados *tĩnh* cantados para proteger o espírito da criança; cantos de ninar, músicas para ensinar para as crianças (*je*); o cuidado com a criança nas cerimônias fúnebres. Não é raro, atualmente, ouvir mulheres falando da preocupação com as crianças hoje nesse tipo de cerimônia, pois atualmente já não tomam nem um cuidado em expor a criança, visto que antigamente era levado muito mais a sério, gente jovem não podia nem chegar perto para não enfraquecer o espírito, pois causa doenças e danos psicológicos.

A organização social em metades clânicas complementares traz significados importantes. A complementaridade é vista como perfeição, como portadora de vida enquanto a união de iguais é considerada problemática e até estéril. A ideologia Kaingang enfatiza as relações entre os opostos, ou contrários, como ideal e harmoniosa, enquanto relações entre membros da mesma metade é considerada conflituosa (VEIGA, 2004). Os da metade *Kamẽ* são considerados possuidores de espírito mais forte. As categorias *Kamẽ* e *Kanhru* representados pelas marcas/pintura clânicas *téj* (traços compridos) e *ror* (traços redondos), respectivamente, têm dimensões para outros domínios como as plantas, os animais, e a cosmologia. Na visão de Nimuendajú, não só a sociedade Kaingang que se divide nessas duas metades clânicas, mas toda a natureza é percebida com esse mesmo princípio. Distingue-se entre objetos delgados e grossos, entre os malhados e os estriados. “A divisão em clãs é o fio vermelho que se estende por toda a vida social e religiosa dessa tribo” (Moacir Haverroth, 1996).

Como já apontado por vários pesquisadores, essa distinção entre redondo e comprido relacionado aos clãs, também verifica-se na própria língua em verbos específicos para manipular objetos redondos e compridos: *vyn|mãñ* ‘pegar’, *vaĩg|maĩg* ‘levar’, *nĩn|fi* ‘dar’. São algumas das questões e aspectos culturais que permeiam a vida de comunidades que ainda prezam pela preservação da língua e cultura Kaingang. Para muitas comunidades, aspectos culturais como esses, já não constituem parte da realidade do seu cotidiano, pois conhecem apenas partes fragmentadas do “todo cultural”, mas anseiam que seus filhos e netos tenham a oportunidade de adquirir a língua e tais valores culturais.

Toda essa complexidade das metades clânicas tem sido um dos principais aspectos culturais que temos trabalhado no âmbito do *Kanhgág vĩ jagfe*, pois é um aspecto primordial na vida Kaingang. As formas de tratamento e saudações de cumprimento são orientadas pelas

relações entre essas metades clônicas. Está presente no cotidiano das pessoas, na forma como você se dirige a outra pessoa dependendo das metades clônicas ali envolvidas.

E ainda, nesse empreendimento de construção do currículo do ninho de língua, com a consultoria de linguistas e sociolinguistas (UFRJ/Massey), prevemos a abordagem de questões como ideologia e atitudes linguísticas entre a comunidade em que o ninho de língua se insere. Em parceria e participação efetiva da comunidade cabe a tarefa de trabalhar as questões como filosofia e conhecimentos e saberes tradicionais Kaingang.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta maneira, a ideia de ninho de língua é concebida como um espaço onde, em contextos naturais de convivência, as crianças possam ser expostas à língua e à cultura Kaingang e passem a adquirir a língua de forma natural através da interação com as pessoas envolvidas, as guias anciãs e colaboradores. O *Kanhgág ṽ jagfe*, como o *Kohanga Reo* na Nova Zelândia, seria, teoricamente, a garantia do direito da criança em adquirir a língua e os valores culturais do seu povo. Por outro lado, além de apoiar e potencializar as iniciativas de revitalização da língua Kaingang, especialmente aquelas voltadas para a transmissão intergeracional da língua, vale assinalar o potencial de pesquisa que projetos dessa natureza trazem para a área da aquisição da linguagem, pesquisas longitudinais, e processos de aprendizagem.

A troca de experiência entre o povo Kaingang e o povo Māori desde 2016 e o estudo do modelo de educação *Kohanga Reo*, tem nos evidenciado a necessidade fundamental de repensar a educação escolar indígena no Brasil, principalmente as práticas de ensino de línguas ora em desenvolvimento entre os povos indígenas, para que as escolas, de fato, se tornem instrumentos de revitalização dessas línguas. A implementação do *Kanhgág ṽ jagfe* como projeto piloto no Brasil, que trata da transmissão intergeracional de língua indígena, tem como objetivo, também, de trazer para a pauta da educação escolar indígena essa questão fundamental que ainda não ganhou a importância necessária dentro dos projetos que buscam a revitalização dessas línguas. É urgente a necessidade de se elaborar currículos desde a Educação infantil que envolvam a implementação de métodos de imersão total para alavancar a revitalização dessas línguas em perigo de desaparecimento.

Da mesma forma, as estratégias de resistência no relacionamento com o mundo moderno, globalizado, em que as próprias línguas e culturas disputam lugar na vida das sociedades, precisam de novas conexões, novos diálogos interculturais, como vem fazendo o povo Kaingang no sul do Brasil e o povo Māori da Nova Zelândia, para fortalecer o movimento de resistência de suas línguas e culturas. E mais do que um diálogo intercultural de troca de experiências exitosas, esse projeto constitui-se também num empreendimento

científico envolvendo ambas as partes na tentativa de frear o processo de extinção da diversidade cultural e linguística que os povos vêm enfrentando. O movimento de preservação e revitalização de línguas e culturas agrega novos aspectos às conexões interculturais entre povos minoritários de diferentes continentes na trajetória de luta pela conservação do meio ambiente e seus territórios tradicionais.

REFERÊNCIAS

- D'ANGELIS, Wilmar. *Aprisionando sonhos: a educação escolar indígena no Brasil*. Campinas, SP: Curt Niemuendajú, 2012.
- Fishman, J. A., 1994. What do you lose when you lose your language. In Cantoni, G. (Ed.), (1996) *Stabilising Indigenous Languages* (pp. 80-91). Flagstaff, AZ: Northern Arizona University.
- , J. A., 1991, *Reversing language shift*, Clevedon, UK, Multilingual Matters Ltd.
- FRANCHETTO, Bruna; MAIA, Marcus. *Educação e revitalização linguísticas*. Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 13, n.1 jan de 2017, p. 1-10. ISSN 2238-975X 1. [<https://revistas.ufrj.br/index.php/rl>]
- HAVERROTH, Moacir. 1997. *Kaingang, um estudo etnobotânico: o uso e classificação das plantas na área indígena Xapecó* (oeste de Santa Catarina). Florianópolis: PPGAS-UFSC. (Dissertação de Mestrado). [Antropologia]
- HINTON L.; HALE, K (eds.) *The Green Book of language revitalization in practice*. San Diego & New York: Academic Press, 2001.
- LOPES DA SILVA, Aracy. MACEDO, A.V. L. Da Silva. NUNES, Angela (orgs.). *Crianças Indígenas – Ensaios Antropológicos*. São Paulo: Global Editora, 2002.
- MEYER, Lois y Fernando Soberanes Bojórquez, 2009, El nido de la lengua, orientación para sus guías, Colegio Superior para la Educación Integral Intercultural de Oaxaca, México.
- NASCIMENTO, Marcia Gojten; MAIA, Marcus; WHAN, Chang. Kanhgág vī jagfe - ninho de língua e cultura kaingang na terra indígena Nonoi (RS) – uma proposta de diálogo intercultural com o povo Māori da Nova Zelândia. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 13, n.1 jan de 2017, p. 367-383. ISSN 2238-975X 1. [<https://revistas.ufrj.br/index.php/rl>]
- NASCIMENTO, Marcia Gojten; MAIA, Marcus; WHAN, Chang. *The Māori language nest program: voices of language and culture revitalization in aotearoa, new zealand*. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 04, n. 01, p. 108-127, 2018. (Também na versão em português).
- Ministry of Education of New Zealand. *Te Whāriki Early childhood Curriculum*. Wellington, New Zealand. 2017.
- Richards, Jack C., and Rodgers, Theodore S. *Approaches and Methods in Language Teaching*. Second edition. Cambridge University Press. 2001.